Envio semanalmente meus contos a mais de quatro mil pessoas, jornais, revistas, sites e blogs. Neles sempre expressei o que senti no momento do acontecido e nunca o que penso ou sinto hoje.

Resolvi dar uma descansada.

Em meus contos nomeio, algumas vezes, minhas poucas qualidades e nunca os meus perceptíveis, pequenos, médios, grandes ou enormes defeitos – e como os tenho... Portanto, quem me lê conhece-me pouco... A cada um, o meu agradecimento.

E para encerrar, envio-lhe o primeiro de meus contos – aquele que dará nome a meu livro quando for lançado: “Meu pé de gabiroba”.

Um abraço amigo e fraternal,

         Benedito Franco

Meu pé de gabiroba‏

001 - Meu pé de gabiroba

Pelos idos de mil novecentos e quarenta e pouca coisa, mamãe engravidara-se de seu sétimo, ou oitavo, ou nono filho - teve doze.

É... seguia a lei da natureza, segundo a qual a mulher não foi criada para menstruar. Ficaria grávida sempre. A humanidade detesta a natureza; inventou os meses para a mulher prevenir-se mensalmente, deixando de ganhar mais um filho. Quando César nasceu, imperador romano, a 12 de julho do ano 100 a.C., a mãe tinha dificuldade  em dar à luz. Abriu-se-lhe a barriga. O menino retirado. Daí a *cesariana*, em sua homenagem – realizava-se a operação anteriormente, diga-se de passagem. Mais tarde ele aperfeiçoou o calendário, dividindo o ano em meses - seguiu exatamente os períodos de menstruação da mulher Cornélia. Quem desdenha a lei da natureza tem a TPM, dores de cabeça, dores no busto, dores no corpo, e dores e mais dores; enche a paciência de parentes, namorados e... maridos então... nem se fala!

Voltemos à minha mãe grávida.

Grávida, tinha desejos, como quase toda mulher – natural.

De casa via as gabirobas – pequenas goiabas azedas e gostosíssimas – lindas, grandes (grandes para gabirobas!) e maduras, em um pé no quintal da casa dos vizinhos, o casal José Carvalhais e Nazica. Conhecida como araçá, dependendo da região onde se encontra, a gabiroba dá em um pé semelhante ao da goiaba. Em Lafaiete e região, MG, há a do mato -  menor um pouco, cujo pé chega a uns sessenta centímetros de altura, com folhas bem maiores - o mesmo gosto, menos ácida e menor.

Papai chegando da loja, mamãe:

*- Zé Franco, quero comer gabiroba. Tenho desejo de comer gabiroba!Me arranja umas gabirobas.*

Papai declarava que arrumaria a gabiroba. Ela adulava, insistia, e ele prometia que, no dia seguinte, se esforçaria para trazê-las...

Todo dia a mesma coisa. Papai preocupado - não achava as benditas gabirobas.

A ladainha só rezava gabirobas:

 *- Zé Franco, eu quero gabiroba...*

*- Naná, eu vou arranjar...*

*- Zé Franco, você comprou a gabiroba?*

*- Naná, não achei...*

*- Zé Franco, tô com vontade de... gabiroba...*

*- Naná, eu vou trazer...*

*- Zé Franco, você não deu um jeito... gabiroba...*

*- Naná... não comprei...*

*- Zé Franco... gabiroba!*

*- Naná...*

Mamãe, como sempre insistente, falou para o papai que na casa do vizinho:

*- Zé Franco, olhe lá no terreiro da Nazica do Carvalhais... um pé grande e cheio de gabirobas enormes e maduras! Não é goiaba pequena, é gabiroba!*

Mamãe, viva e inteligente, de pensamento rápido - o dinamismo personificado. E papai, com a santa paciência e a calma que Deus lhe deu:

*- Naná, vou pedir ao Carvalhais as gabirobas, assim você deixa de falar em gabirobas comigo.*

Depois de dias e mais dias, pedidos e implorações, bajulações e adulações, choros  e velas... promessas e mais promessas descumpridas, papai criou coragem e, muito sem jeito e desconsertado, foi até à casa do alfaiate Carvalhais. Explicando o drama, pediu para lhe vender algumas gabirobas para a Naná, grávida, e com desejo de comer gabirobas.

Papai recebeu as gabirobas aliviado. O Carvalhais não quis vendê-las – presenteou-o. Todo contente e eufórico, levou as gabirobas para mamãe:

*- Naná, as gabirobas que você tanto pediu e desejou – lindas e maduras, como você deseja... O Carvalhais me deu.*

E mamãe, determinada como sempre:

*- Não quero! Quero é gabiroba comprada ou de meu quintal! Doadas de quintal dos outros não aceito! Quero do...* fez uma pausa... *ou do... meu pé de gabiroba...*

Gabiroba para comprar... não achava...

Para mamãe ter gabiroba de seu quintal, papai comprou a casa do Carvalhais, alugando-lhe a casa e um pedaço do terreno – a parte do quintal onde está o pé de gabiroba, a de trás, retirou-se a cerca para mamãe apanhar suas gabirobas - até hoje faz parte do terreno de nossa casa!

Quem mais se regalou com as gabirobas, durante anos e anos, fomos nós, os filhos!

Ela pensooou... foi nos filhos... penso eu!

                Benedito Franco

Em minha Família só há pessoas honestas, logo... não há políticos!...